

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PRÆHISTORIA — EPIGRAPHia



MUSEUMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1901

SUMMARIO

- EMILIO HÜBNER E A ARCHEOLOGIA LUSITANO-ROMANO: 49.
SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA: 59.
NOTAS DE ARCHEOLOGIA ARTISTICA: 61.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 67.
A PROPOSITO DA INSCRIPÇÃO DA PEDRULHA: 78.
SEPULTURAS ABERTAS EM ROCILHA VIVA: 79.

Este fasciculo vae illustrado com 3 estampas.

Biblioteca Central de Mundo Novo - GRANADA	
BIBLIOTECA	
Sala	8
Estante	15
Número	

ARCHIVO HISTORICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	
Sección	Antigüedades
Serie	RELIGIOSAS
Libro n.º	92

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VI

MARÇO DE 1901

N.º 3

Emilio Hübner
e a archeologia lusitano-romana¹

É com profunda mágoa que communico a esta Associação o fallecimento de um dos seus membros mais eminentes. O Dr. Emilio Hübner, professor de Philologia classica na Universidade de Berlim, que prestou á archeologia portugueza serviços inolvidaveis, deixou de existir no dia 21 de Fevereiro proximo passado, aos 67 annos de idade.

Permitta-se-me que, num breve elenco, en enumere aquelles de seus trabalhos em que figura de modo especial o nosso pais, já só, já associado ao vizinho reino. Pois que estes trabalhos versam todos sobre as cousas do passado, é natural que nelles appareçam juntos Hespanha e Portugal, que constituíam outr'ora a *Iberia* ou *Hispania*.

As mais antigas relações de Hübner com a Peninsula datam de 1860-1861, em que realizou cá a sua primeira viagem scientifica, com o intuito de estudar as inscripções da epocha romana.

Então entrou em convívio pessoal com alguns dos nossos homens de sciencia e eruditos, por exemplo, Herculano, Soromenho, Pereira Caldas, Gama Xaro, etc., que muito o auxiliaram. Como fruto immediato d'essa viagem, deu a lume nos referidos annos uma interessante serie de noticias com o titulo de *Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal*, que foi inserida nas Actas da Academia de Berlim, corporação por cuja incumbencia a viagem era feita. D'essa publicação se fez uma edição separada, em 4 fasciculos, hoje muito raros; possuo uma colleção d'elles, que o proprio Hübner me deu em sua casa, em

¹ Memoria lida em sessão da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes (Lisboa) de 9 de Março de 1901.



Berlim, em 1899. O sabio allemão não viajou como qualquer *dilettante*, que apanha as cousas no ar, e alardeia o que não vê ou o que mal sabe. Primeiro que tudo pôs-se ao facto dos dois idiomas nacionaes da Peninsula, que elle conhecia bem, tendo até chegado posteriormente a escrever artigos, e mesmo um livro, em hespanhol. Depois visitou, sempre que pôde, os logares, embora os mais reconditos, onde existiam monumentos archaicos do genero de que elle se occupava, e alem d'isso andou pelos archivos e bibliothecas buscando memorias e documentos, quer impressos, quer manuscritos, que lhe servissem no assunto. A parte que nesta obra se refere a Portugal foi traduzida em portuguez por mandado da nossa Academia das Sciencias, em 1871, com o titulo de *Noticias archeologicas de Portugal*. Não deixou ella de exercer certa influencia no nosso pequeno movimento scientifico, porque Hübner não só ali esboçou criticamente a historia da archeologia nacional, mas publicou, tambem com methodo critico, numerosas inscripções romanas achadas em territorio portuguez: o que serviu de orientação e norma a varios investigadores que depois d'elle vieram cavar o mesmo torrão. Só os que sabem quanto custa ás vezes copiar um velho lettreiro, que está num muro alto ou num penedo carcomido, e com que tactica se torna necessario vencer quasi sempre a desconfiança dos aldeãos, que julgam que lhes querem roubar thesouros encantados, é que podem avaliar com verdadeira justiça o trabalho de Hübner, que, de mais a mais como estrangeiro, teve de superar difficuldades que a um indigena não occorreriam. Do que deixo dito se conclue que Hübner não era meramente sabio de gabinete, que só se aproveitasse das investigações de outros, mas ia elle mesmo, como bom ceifeiro, arranjar a seara, e alem d'isso com aquelle poderoso apparatus scientifico que caracteriza a erudição allemã.

Outros trabalhos se seguiram. Em 1861 publicou Hübner na revista *Archäologische Zeitung*, col. 185 sqq., um artigo intitulado *Statuen Galläkischer Krieger*, que tambem foi traduzido em portuguez, em appendice ás citadas *Noticias de Portugal*. Neste escrito se refere o auctor ás duas estatuas lusitanas do Jardim Real da Ajuda e á do Pateo da Morte de Vianna do Castello. São tres guerreiros de pedra, vestidos de saio, ornados de collar, e armados de escudo e espada. Relacionam-se com os costumes funerarios dos nossos maiores, e tem importancia, de mais a mais, por nos elucidarem á cerca dos trajos, sobretudo militares, d'aquella epocha. É interessante notar a concordancia que ha, por exemplo, entre a fórma do escudo e da espada curta ou punhal, que se figuram nestas estatuas, e um passo em que o geographo grego Estrabão descreve usos guerreiros da Lusitania.

O texto litterario ajuda aqui a archeologia, e vice-versa. Outras observações podia eu fazer a proposito, se não temesse desenvolver muito um ponto que deve ser tratado de fugida. Analogas ás estatuas de que se falla no artigo de Hübner appareceram modernamente outras no Minho; e eu mesmo adquiri em Trás-os-Montes para o Museu Ethnologico uma bastante curiosa, e com caracteres especiaes, sobre a qual publicarei em breve uma nota n-*O Archeologo Português*.

Em 1862 appareceu o livrinho *Die antiken Bildwerk in Madrid*, com um appendice sobre Portugal a p. 328 sqq., onde Hübner descreve resumidamente diversas obras de arte antiga existentes no Sul e Norte do nosso país, juntando, como sempre usa, notas historicas e criticas.

Semelhante a este trabalho é o que, com o titulo de *Antichità di Portogallo*, inseriu no mesmo anno no *Bullettino dell' Instituto di Corresponsenza Archeologica*, escrito em italiano, segundo creio, pelo proprio Hübner, porque elle manejava correntemente esta lingua, como tambem (além do hespanhol) o latim, o francês, e o inglês. Este seu polyglottismo era muito apreciado na Allemanha.

Os allemães, antes de emprehenderem trabalhos de fôlego, costumam, por assim dizer, ensaiar-se com a publicação de escritos mais simples, em que estudam pontos especiaes, e por meio dos quaes vão desbravando o terreno e apalpando as forças de que dispõem: Hübner, com a publicação d'estes *opera minora*, preparava-se para a grande empresa da elaboração do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que vein á luz em 1869, seguindo-se-lhe logo dois pequenos opusculos: *Additamenta ad titulos Hispanos*, de 17 pp., e *Additamenta ad Corporis vol. II*, de 22 pp. A collecção do *Corp. Insc. Lat.* é muito grande; consta de numerosos volumes in-folio, que se destinam a archivar as inscripções apparecidas, ou que estão ainda apparecendo, nos vastos territorios do *Imperium Romanum*. Esta collecção, feita a expensas e com o patrocínio da Academia das Sciencias de Berlim, sob a direcção genial de Theodoro Mommsen, é um dos monumentos mais famosos da erudição do sec. XIX. As manifestações da vida antiga, os costumes, as crenças religiosas, os laços domesticos; o que se refere ás relações sociaes mais variadas; as linguas; a geographia; a historia: tudo se illumina e esclarece pelo estudo circumstanciado do *Corpus*. A ordem da redacção obedece ás divisões geographicas do Imperio Romano. Hübner foi encarregado da *Hispania*, que occupa o volume II. O nosso país figura ali em grande escala, com as inscripções encontradas desde *Ossonoba*, no Algarve, até ás margens do *Minius*. Cada inscripção vem acompanhada geralmente de indicações historicas e bibliographicas,

e de commentario critico. Não direi que tanto neste volume como no Supplemento, de que logo fallarei, as copias das inscripções saíssem totalmente impecaveis, porque tambem *bonus dormitat Homerus*, e porque o assunto é por vezes escabroso; mas nem por isso o trabalho do sabio berlinês deixa de servir de base solida, como já tanto tem servido, aos estudos historicos, quer sobre o passado da Peninsula, quer sobre o passado em geral. Hübner, alem das inscripções que elle proprio copiou das pedras, aproveitou as que estavam já copiadas, porque desde o sec. XVI, do tempo de André de Résende, o pae da archeologia nacional, nunca este estudo, com mais ou menos critica, foi descurado entre nós. Embora Hübner estivesse sempre disposto a tratar todos com justiça, não occultarei que por vezes é demasiado severo para com os nossos auctores; assim, em certo ponto do seu livro, accusa de falsario a André de Résende, só porque este não interpretou bem uma inscripção alemtejana que eu ha pouco tempo verifiquei ser authentica. Em verdade aquelles que applicam a vida a investigações intensas e sérias nem sempre tem mão em si que não se insurjam contra os que no mesmo caminho não seguem tão firmes como elles; todavia importa que para aquelles que antes de nós trabalharam com boas intenções, e que com o que fizeram nos auxiliam, tenhamos palavras de benevolencia.

Como complemento natural do volume II do *Corpus* publicou Hübner, em 1871, as *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, em que tambem figura a Lusitania. Ao passo que as inscripções contidas no *Corpus* se referem ás sociedades pagãs da Peninsula, as contidas neste volume datam do Christianismo. Infelizmente o nosso pais neste particular não é muito rico, posto que já depois do livro de Hübner muitas mais inscripções se encontrassem aqui, sobresaindo entre ellas as de Mertola ou *Myrtilis*, cidade que nos é conhecida por monumentos epigraphicos d'esta natureza, do sec. V em diante. Eu mesmo trouxe d'alli muitas inscripções, que hoje estão no Museu Ethnológico Português. Hübner, alem de ter a seu cargo as inscripções, tanto pagãs como christãs, da Hispania, tinha tambem as da *Britannia*: ao volume que em 1876 publicou com o titulo de *Inscriptiones Britanniae Christianae* juntou um appendice com outras inscripções hispanicas descobertas depois de 1871; o nosso pais está porém ali representado com uma unica inscripção. As inscripções christiano-latinas de Portugal, menos numerosas, como disse, do que as romanas, estabelecem contudo um elo entre a parte portuguesa do *Corpus* e os *Portugaliae Monumenta Historica*, e contribuem para o conhecimento da nossa sociedade nos primórdios da idade-media.

No mesmo anno de 1876 escreveu Hübner um artigo intitulado *Römische Bergwerksverwaltung*, publicado na *Deutsche Rundschau* em 1877. Nesse artigo falla da celebre mina lusitano-romana de Aljustrel, *metallum Vespasense*, onde appareceu em 1876 uma tabola de bronze com uma inscripção latina, que elle publicou em 1877 na *Ephemeris epigraphica*, vol. III, e que d'ahi passou para o Supplemento do *Corpus*. Sobre esta inscripção ha varios outros trabalhos, e entre elles dois nacionaes, de Augusto Soromenho e de Estacio da Veiga. A inscripção pertence ao sec. I da Era Christã (epoca dos Flavios), e encerra parte de uma lei referente á administração da mina. A tabola, que hoje se conserva na Direcção dos Serviços Geologicos, tem o n.º III, e está incompleta, d'onde se vê que faltam pelo menos as duas primeiras e a 4.ª Sabido é como as riquezas mineiras da Peninsula despertaram em epochas antigas a cubiça de povos estranhos, a começar dos Phenícios. A tabola de bronze de Aljustrel prende-se com estes factos. D'aqui sua importancia, e a oportunidade do artigo de Hübner.

Tambem em 1876, realizou-se o congresso archeologico da Citania de Briteiros, no Minho, promovido pelo fallecido archeologo Martins Sarmiento.—A Citania é, como se sabe, um *oppidum* lusitano-romano em ruínas, onde tem apparecido monumentos archeologicos de diversas especies e epochas, taes como esculpturas com o cunho da arte mycenense, inscripções latinas com nomes celticos, ceramica romana, objectos metallicos, etc. Este *oppidum* (ou *castro*, para me servir de uma expressão genuinamente portugueza) é analogo a muitos outros que ha por todo o país. Os castros constituíam nas epochas pre-romanas refugio ou habitação permanente das populações; no seu conjuncto póde dizer-se que datam de eras muito remotas, mesmo dos tempos neolithicos ou da idade da pedra polida, como succede com um dos mais notaveis do país, situado no concelho do Cadaval, que eu explorei por diferentes vezes, e cujos materiaes estão tambem no Museu Ethnologico,—o castro ou *castello de Pragança*. Os Celtas chamavam de modo generico a estas povoações *briga* e *dunum*, palavras que significam «monte fortificado», «fortaleza», e se conservaram em irlandês: assim *Coinnbriga*, nome primitivo de Condeixa-a-Velha, e *Caladunum*, nome de uma antiga povoação do N. de Trás-os-Montes, contém na sua ultima parte as mesmas duas palavras celticas. Depois os Romanos, civilizando o país, e evitando as continuas guerras em que as populações indigenas andavam entre si, tornaram inuteis a maior parte dos castros; contudo alguns continuaram a viver, quer nessa epocha, quer até o presente, pois povoações que hoje se chamam *Castro Daire*, *Castro Laborcio*, *Castro d'Avellãs*, *Castro Verde*, relacionam-se pelo

seu nome, e em parte pela sua historia, com *oppida* ou *duna* e *brigas* lusitanos. A Citania de Briteiros durou até á epocha romana, mas não passou mais aquem. Sarmiento, explorando-a, reunindo no Museu de Guimarães os materiaes encontrados na exploração, e provocando a reunião de um congresso archeologico que estudasse as ruínas e os restos descobertos, concorreu para o progresso da historia patria, porque assim se rompeu grande neega das trevas do nosso passado, e a Citania ficou servindo de typo a que se referissem de futuro novos estudos. O mencionado congresso motivou a publicação de varios escritos, e o nosso público chegou a importar-se um momento com a sciencia archeologica: o nome da Citania, associado ao do seu explorador, tornou-se conhecido no país. Este movimento propagou-se, como era natural, até o gabinete do sabio allemão de que estou fallando: Hübner, informando-se do que se havia escrito a cêrca da Citania, redigiu em 1878 uma memoria sobre ella, enviando o manuscrito original ao Sr. Joaquim de Vasconcellos, que o traduziu, e publicou em 1879 no vol. 1, fasc. 5.º, da *Archeologia Artistica*. Esta memoria instigou Martins Sarmiento a publicar outra, com o titulo de *Observações á «Citania» do Sr. Emilio Hübner*, Porto 1879, em que corrigiu as inexactidões em que Hübner directa ou indirectamente incorrêra. Melhor informado, o professor de Berlim reviu o seu escrito, e deu nova edição d'elle no *Hermes* em 1880, d'onde se fez edição á parte. Para se apreciarem os factos historicos não basta conhecê-los insuladamente: torna-se indispensavel compará-los com outros da mesma natureza, e pesá-los em commun; os sabios allemães, preparados com o enorme e perfeito material que lhes ministram as suas escholas, os seus museus, as suas bibliothecas, estão em condições especialissimas para procederem a este trabalho, que não é só de intelligencia, mas é tambem de saber, porque nos estudos historicos o talento sem a sciencia vale muito pouco, do mesmo modo que a erudição, sem luz que lhe dê vida, fica balofa. Comprehende-se que Hübner, conhecendo, como conhecia, as fontes historicas da Lusitania, e, melhor que ninguem, a epigraphia local, tivesse particular gôsto de escrever a respeito da Citania, e que o seu escrito despertasse entre nós certo interesse.

Somos chegados ao anno de 1881. Os descobrimentos archeologicos que se haviam realizado na Peninsula desde 1861, e o progresso geral dos estudos historicos levaram Hübner a emprender nova viagem ás terras ibericas, o que o fez reatar antigas relações pessoais, e o pôs em contacto com muitos investigadores que por occasião da primeira viagem, vinte annos antes, não eram ainda conhecidos. O seu fim principal agora consistia em colher materiaes para a redacção de

um extenso Supplemento do vol. II do *Corpus*. Antes porém que este apparecesse, publicou outras obras.

Em 1888 deu a lume em Barcelona *La Arqueologia de España [y Portugal]*, por elle mesmo escrita em hespanhol. Consta de cinco capitulos: *os geographos, os historiographos, as inscripções, as moedas, e os monumentos*. É uma especie de manual destinado ao estudo das fontes das antiguidades ibéricas, elaborado com inteira clareza e simplicidade, e provido de indicações bibliographicas abundantes e boas. Eis aqui um livro que devia ser compulsado constantemente por todos aquelles a quem interessa o nosso passado. Julgo contudo que nem meia duxia de pessoas o conhecerão em Portugal.

Em 1890 tirou dos prelos a *Römische Herschaft in Westeuropa*, volume em que reuniu muitos artigos seus que primeiro havia publicado avulsos, e entre elles dois referentes a Portugal, e que já conhecemos: o da Citannia, a pag. 232 sqq.; e o da tabola de bronze de Aljustrel, a pag. 268 sqq.

O Supplemento do *Corpus*, a que ha pouco me referi, appareceu em 1892. Nelle se transcrevem todas as nossas inscripções que desde 1869 até àquella data chegaram ao conhecimento de Häbner, e melhora-se o texto de muitas que tinham antes saído com incorrecções. De modo que o material historico foi completamente augmentado. Alem de excellentes mappas geographicos, o volume vem ainda acompanhado de indices geraes que abrangem tanto o Supplemento como o volume primitivo. Estes indices são da maxima importancia, pois, entre outras materias, contém longas listas de nomes proprios (de pessoas, de divindades e de terras). Ninguem ignora como os nomes proprios, cujo estudo forma um ramo da Linguistica chamado *Onomatologia*, elucida, quando applicado ao passado, os problemas historicos, sobretudo os ethnologicos. Das linguas antigas da Europa, as unicas que conhecemos bem são a latina e a grega; das outras, ou possuimos poucos documentos, por exemplo da celtica, ou propriamente não possuimos nenhum, por exemplo da ligurica. Estas lacunas linguisticas vão sendo em parte preenchidas pelo onomastico. Os nomes proprios foram na origem geralmente nomes communs; muitos d'elles perderam porém pouco a pouco esse caracter, e como que se petrificaram, desfigurando-se. É só pela analyse linguistica que o primitivo caracter pôde revelar-se de novo, o que muitas vezes augmenta de repente o vocabulario de linguas de que directamente conheciamos pouco ou nada. Assim se enriquece todos os dias o thesouro do celtico antigo, e começa a raiar alguma luz nas trevas que envolvem o idioma, ou idiomas, dos Ligures. Ora os indices do *Corpus*, feitos com minucia e consciencia, ministram aos estudiosos rico

material onomatológico, e estão por isso no caso de concorrer, como já muitas vezes tem concorrido, para o conhecimento das nossas origens ethnicas.

Ao lado das inscripções latinas da Peninsula, e do pequeno número das gregas, ha uma rica serie de outras, chamadas *ibericas*, e impropriamente *celtibericas*, feitas com caracteres especiaes, e redigidas em linguas indigenas. Taes caracteres admitte-se hoje que são de origem phenicia. Em Portugal conhecem-se inscripções ibericas provenientes do Algarve, do Campo de Ourique e de Salacia; estas ultimas em moedas, as outras em pedras. Consta-me que tambem já appareceram lapides ibericas em Trás-os-Montes, mas nada ao certo sei a esse respeito. Era natural que tão extraordinarias inscripções, cheias de mysterio, despertassem a attenção dos curiosos, quer na Hespanha, onde ellas são em maior número, quer em Portugal. Effectivamente assim succedeu. Uns, no entanto, seguiram por caminhos mais ou menos planos, outros transviaram-se, arrastando consigo as turbas, que sempre estão ávidas de maravilhoso. E que haveria tão maravilhoso como as *letras desconocidas*, segundo a pittoresca expressão dos nossos vizinhos, letras que quem sabe se occultariam segredos do futuro, ou riquezas de fadas? Surgiram logo patranheiros que annunciaram estupendos descobrimentos pseudo-scientificos, devidos á decifração pronta e evidente dos enfeitados lettreiros. Portugal tambem neste ponto pagou o seu tributo á chimera; mas não vale a pena renovar aqui uma questão que morreu. Estavam as cousas assim, quando Emilio Hübner trouxe á publicidade os seus *Monumenta linguae Ibericae*, obra, sim, tambem maravilhosa, mas pela sciencia que revela, pela quantidade de factos que archiva, pela solida base que estabelece para novos estudos. Hübner reimprime todas as inscripções ibericas conhecidas, das lapides, das moedas, dos vasos, etc., e acompanha de erudita introdução historico-grammatical e de methodicos indices onomatológicos este estudo. Por ser obra de grande fôlego, nem por isso deixa de conter defeitos, e contem-nos por isso mesmo. É assim que na disposição da materia grammatical não ha a melhor ordem; convinha que as descripções das moedas viessem acompanhadas de figuras d'estas; o titulo do livro não corresponde ao assunto. Sem poder explanar-me a discutir estes diversos pontos, insistirei sómente no ultimo. Como é que o livro se intitula *Monumenta linguae Ibericae*, isto é, *Monumentos ou Documentos da lingua Iberica*, se na Iberia se fallavam muitas linguas? No seu proprio livro archiva Hübner vocabulos de mais de uma. Temos tambem um texto de Estrabão, *Geographia*, III, 1, 6, que nos elucida a este proposito. O geographo está fallando da litteratura dos Turdetanos, e ac-

crescentar: *οτι ει ελλη ο ιβηρις γρηγορει χαμμηται, ο μη ο ιβηρις οιδι γαρ γρηγορει μη;* o que significa: «tambem os outros Iberos tem litteratura, não porém uma só, pois tambem não tem uma só lingua». E comprehende-se que assim fosse, sendo a Peninsula tão extensa, tão variada, e havendo-a cruzado em todas as direcções povos de tantas raças, Phenicios, Lígures, Gregos, Celtas, Africanos. Mas isto é defeito de pouco alcance, e que, mesmo junto a outros, não destroe o merito real da obra, que, no meu entender, é uma das melhores de Hübner.

Visto que a acção dos Romanos se fez sentir poderosamente em todos os territorios em que dominaram, a ponto de, com relação a Portugal, que eu conheço mais ou menos neste sentido, não haver talvez um só concelho onde ella não se manifeste, estão por assim dizer a apparecer todos os dias novas inscripções latinas. Hübner não descansou tambem em se informar dos documentos que iam surgindo á luz: por esse facto publicou em 1897 outro additamento, bastante extenso, ao *Corpus*, e em 1898 mais outro, de pouca extensão: ambos saíram na *Ephemeris epigraphica*, d'onde se fizeram edições á parte.

Segundo elle me tinha dito, tencionava occupar-se desenvolvidamente do estudo das fontes litterarias da historia da Iberia, do que no citado livro *La Arqueología de España [y Portugal]* dera já uma amostra. Outra está na dissertação que escreveu em 1898 com o titulo de *Die Nordwest- und die Südwestspitze von Hispanien*, extrahida de um volume publicado em honra de Kiepert. Nesta dissertação commenta alguns passos da *Ora maritima* de Avieno, poema que, por se basear em antiquissimas relações hoje perdidas, se considera como preciosa fonte historica: esses passos versam sobre o cabo Arium — Ὀρίων, na Callaecia, e o *Sacrum Promunturium*, no pais dos Cynetes, ou Algarve.

Tambem por occasião de uma festa litteraria, d'esta vez em honra do professor hespanhol Menéndez Pelayo, publicou Hübner, em 1899, um opusculo sobre *Los más antiguos poetas de la Peninsula*. Estes mais antigos poetas são os auctores das inscripções lapidares rhythmicas, da epocha romana, pois, assim como hoje se gravam poesias nos tumulos, nas estátuas e noutros monumentos, assim tambem se fazia na antiguidade. Existe mesmo sobre isto um excellente livro, intitulado *Carmina epigraphica*, devido ao Dr. Bücheler, professor na Universidade de Bonn. Pela leitura d'estas pequenas poesias de pedra podemos apreciar alguns dos dotes de coração dos povos antigos. As poesias que restam neste genero em Portugal são muito poucas. Hübner só publicou uma; pela minha parte descobri outra ha tempos no Alemtejo, a qual ainda conserve inédita.

Hübner não repousava nunca. Os ocios que a regencia da sua cadeira lhe deixava empregava-os em escrever livros e memorias. Em 1900 publicou um 3.^o Supplemento das *Inscriptiones Hispaniae Christianae*. Foi a última obra que me mandou, e, como creio, a última que escreveu.

Quem por esta maneira glorificou o nosso país, trazendo a lume tantos trabalhos e tão bem feitos sobre a nossa historia antiga, tinha direito á gratidão de nós todos. Mas as obras que acabo de mencionar não são as unicas de que é auctor. Elle escreveu muitas outras, como *Exempla scripturae epigraphicae*, um pequeno tratado de *Epigraphia romana*, uma *Bibliographia da antiguidade classica*, livros escolares sobre grammatica grega e latina, etc. Se me não alargo mais sobre ellas é que, pelo seu character geral, não entram no plano que a cima tracei, pelo qual me propus a fallar só das que directamente se referissem a Portugal. A estas obras juntamos agora numerosos artigos avulsos e criticas bibliographicas sobre Portugal e Hespanha, que andam dispersos por dictionarios e revistas, como *Encyclopaedia Britannica*, *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, *Hermes*, que elle redigiu de 1866 a 1881, *Archäologische Zeitung*, que tambem redigiu de 1868 a 1873, *Jenaer Literaturzeitung*, *Deutsche Rundschau*, *Deutsche Literaturzeitung*, *Revue des études anciennes*, *Boletín de la Academia de la Historia*, *Revista de archivos bibliotecas y museos*, *Jahrbuch des Kaiserlich Deutschen Archäologischen Instituts*, e outros. Em Portugal collaborou, que me lembre: na *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo, onde publicou um bello artigo sobre *Balsa*, cidade lusitano-romana do Algarve; collaborou no *Archeologo Português*, onde publicou em latim dois artigos sobre inscripções romanas e christiano-latinas do Sul de Portugal; e finalmente collaborou, tambem em latim, no numero especial que a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, dedicou á memoria do seu patrono.

Hübner não só ajudou com as suas publicações os que se occupam da nossa antiguidade, mas estava sempre pronto para acolher benignamente, com cartas e artigos bibliographicos, quem se lhe dirigisse, para o que contribuia não tanto o desejo de ter o maior número possível de auxiliares que lhe enviassem cópias de inscripções ineditas, achadas no solo hispano-português, como o seu character lhano, ainda que Hübner era mais amavel no trato familiar, do que propriamente nas criticas e nas cartas, onde punha de ordinario certa seccura.

Pelo que me toca, direi que muita gratidão lhe devo tambem. Com elle mantive correspondencia epistolar desde o tempo em que comencei a dedicar-me activamente á archeologia; elle offerecia-me quasi todos os

trabalhos que publicava; collaborou duas vezes no *Archeologo Português*; escreveu varios artigos bibliographicos sobre cousas minhas; por proposta sua fui nomeado socio correspondente do Imperial Instituto Archeologico Allemão; enfim, por occasião da minha primeira viagem á Allemanha, em 1899, recebeu-me muito bem nas visitas que lhe fiz, e apresentou-me a varios directores de museus, e professores, a quem eu desejava fallar, como Virchow, que tinha estado em Portugal em 1880, no congresso de archeologia prehistorica, Dessau, professor de epigraphia na Universidade de Berlim, a algumas preleções do qual assisti, Bastian e Voss, directores do Museu de Ethnologia, etc. Compreendem, por tanto, os srs. que eu não podia ficar silencioso hoje, que é a primeira vez que nos reunimos em sessão depois que tive noticia da morte de Hübner: e esta noticia chegou-me ha 3 ou 4 dias apenas.

Para terminar, resumirei em breves palavras, e de modo geral, o que fica dito. O labor de Hübner, em relação ás nossas antiguidades, repartiu-se da seguinte maneira: 1) trabalhos de epigraphia iberica, romana (e grega) e christiano-latina; 2) trabalhos de archeologia; 3) criticas bibliographicas. Alem de contribuirem efficazmente para o conhecimento, cada vez mais largo, do nosso passado, esses trabalhos, por serem feitos com segurança scientifica, constituem base solida para sobre elles de futuro se architectarem outros, e, não sendo esta a sua menor vantagem, servem de guia permanente, quanto ao methodo, a quem quizer estudar. Em sciencia e methodo é tudo. Sem methodo, isto é, sem critica, a accumulção de factos, por mais numerosos que sejam, fica esteril.

Lancemos, pois, na acta d'esta sessão um voto de condolencia pelo obito do sabio insigne que tanto serviu e honrou a Portugal.

J. L. DE V.

Sociedade Archeologica da Figueira

5.ª sessão

Em 28 de outubro de 1900, sob a presidencia do Sr. Joaquim Filippe Nery Delgado, realizou-se a 5.ª sessão plenaria desta Sociedade.

Pelo presidente da Direcção, Dr. Santos Rocha, foi apresentado um bem elaborado relatorio, do segundo anno de gerencia.

Este documento corre impresso.

Seguidamente foram apresentadas e lidas as seguintes communicações, de varios socios:

Necropole neolithica da Moita (concelho de Cantanhede), pelo Dr. Santos Rocha. Neste trabalho apresentou o seu illustre auctor os resultados da exploração feita pela Sociedade, sob a sua direcção, na Moita, no concelho de Cantanhede.

Materiaes para o estudo do neolithico do concelho da Figueira, por P. Belchior da Cruz. Neste trabalho, que é um como appendice dos magnificos estudos do Dr. Rocha, intitulados *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira*, descreve-se todo o mobiliario neolithico que se tem ultimamente descoberto no concelho, e que se acha no Museu Municipal.

Materiaes para o estudo da epocha do bronze em Portugal: communicação do Dr. Santos Rocha, em que dá conhecimento de dois bellos machados de bronze à talon e asa lateral, encontrados nas serras de Alvaizare, e que pertencem ás collecções da Sociedade. O auctor do trabalho mostrou praticamente a maneira do encabamento d'estas peças.

Pelo mesmo foi apresentado outro trabalho, *Noticia de alguns silos e louças arabes do Algarve*, em que se descrevem varias peças da ceramica arabe encontradas ha pouco num silo da freguesia de Bensafirim. O Dr. Santos Rocha deu explicações sobre o que eram silos, e o fim a que se destinavam.

Tambem, e ainda pelo mesmo Sr., foi apresentada uma communicação sobre a *Estação luso-romana da Pedralha (Alhadã)*, em que dá conta de uns trabalhos e uns achados naquella estação.

Pelo socio Sr. Francisco Gil foi presente um trabalho subordinado ao titulo de *Tijolos romanos existentes no Museu da Figueira*. Este trabalho, que o auctor faz acompanhar de bastantes desenhos, é um trabalho interessante e muito util sobre as differentes e multiplas formas de tijolos romanos, e o mais completo estudo que sobre o assumpto se tem publicado no nosso pais.

Foi presente uma communicação do socio Sr. Antonio Mesquita de Figueiredo, na qual dá conta de varias *Descobertas Archeologicas em Lisboa*. Este trabalho deu origem a discussão, por parte dos socios Santos Rocha e Belchior da Cruz, sobre a ceramica pintada encontrada nos claustros da Sé de Lisboa, e sobre o achado de abundantes valvas de *thelis* nas grutas de Carnaxide (Lisboa). Pelo socio Sr. Francisco Ferreira de Loureiro foi presente um trabalho sobre os *Pelourinhos do concelho da Figueira*, no qual o seu auctor descreve os pelourinhos da Figueira, Buarcos e Redondos, accrescentando varias e interessantes notas sobre o seu destino.

O sr. Pedro Fernandes Thomás, secretario geral da Sociedade, e que se tem dedicado bastante aos estudos ethnographicos, apresentou uma interessante communicação sobre as *Superstições populares da Figueira*. Sobre o assumpto fallou largamente o Dr. Santos Rocha, apresentando varios factos e dando conhecimento d'outras superstições, de não menos interesse.

Figueira, Novembro de 1900.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Notas de Archeologia Artistica

2. Ferreiros

A inverso do que succede em Hespanha, são raros entre nós os trabalhos artisticos de ferro forjado.

Na sé de Evora, ha duas grades notaveis, uma das quaes, a do baptisterio, em estylo gothico (sec. xv), é digna de muito apreço. A outra veda a porta da escada que sobe para a vestiaria e para a torre. É de ferro torcido, e tem na parte superior um ornato interessante, mas que, todavia, está longe de igualar o da grade do baptisterio, que lhe fica fronteira.

Na capella de S. Pedro, do claustro da sé eborense, havia tambem uma grade monumental, de que ainda existem, dispersos, alguns columnellos. Era do sec. xvi, no estylo da Renascença, e obra de *Baltazar Fabra*,—um hespanhol, provavelmente. Num dos *livros de accordos* do cabido, que comprehende os annos de 1539-1555, a fl. 252 v, lê-se a obrigação seguinte:

«Eu Baltazar Fabra que ora faço as grades de sam Pedro digo que é verdade que o cabido me deu as chaves do seu celeiro para nele fazer as ditas grades e eu per este assinado me obrigo de lhe deixar o dito celeiro asy como lho entregámos asy do chão como de paredes e telhado e deixando qualquer danifcamento nele que o cabido o mande correger á sua custa para a qual despesa obriga sua fazenda especialmente o dinheiro que ha de haver do feitio das ditas grades que para isso obriga... 4 de dezembro de 1545. (A.) *Baltazar Fabra* ¹.

¹ Publicada pelo sr. Gabriel Pereira, nos *Documentos historicos da cidade de Evora*, parte II, pag. 189.

No museu da Bibliotheca da vetusta cidade alemtejana, figura, não ha muito, uma interessantissima porta, ornamentada com tarjas de ferro, que pertenceu a um colleiro dependente da Bibliotheca. Os batentes, grossos, de castanho, sem lavor algum, são guarnecidos, horizontal e perpendicularmente, com tarjas de ferro alumiadas, que offerecem sete diversos typos, e uma das quaes é igual á que ornamenta a cimalha que, na grade do baptisterio, separa os batentes do bello ornato superior. Vinte pregos de cabeças circulares e vincadas fixam as tabuas nas travessas; treze de cabeças lavradas em flor, muito decorativos, estão no friso superior.

Merece a pena tambem notar-se uma grade, em estylo da Renascença, na igreja matriz de Arrayollos.

Na sé de Braga, resguarda a galilé ou alpendre uma grade (fig. 1), egualmente no estylo do Renascimento, bastante damnificada, da qual Bernardino José de Senna Freitas, nas suas *Memorias de Braga* (tom. 1, pag. 339), diz o seguinte:

«As grades de ferro, que fecham o arco principal da abobada, com o Crucifixo, estavam no arco principal da capella-mór; e o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles as mandou pôr no arco da entrada da Sé.

A imagem do Senhor Crucificado tem lampada.

As grades de ferro do arco principal da abobada cortaram-se do meio para baixo, e pozeram-se balaustres de pedra; e foi feita esta obra no anno de 1784».

Segundo me informa o sr. Albano Bellino, estudioso archeologo bracarense, na chapa sobre a qual assenta o crucifixo, lê-se distinctamente—1722. Esta data deve corresponder á transferencia da grade, da capella-mór para a galilé, porque esse anno está comprehendido no governo de D. Rodrigo de Moura Telles (1704-1728). A modificação a que Senna Freitas allude, pertence ao de D. Gaspar de Bragança, — um dos «meninos de Palhavã».

Sabe-se que foi o arcebispo D. Diogo de Sousa, — o qual occupou a cadeira primacial de Braga desde 1505 até 1532, — quem mandou fazer, alem de outras, esta bellissima grade.

Numa extensa memoria á cêrca da sua vida e obras, que faz parte de uma curiosa miscellanea da Bibliotheca da Ajuda, e que o sr. Rodrigo Vicente de Almeida publicou, ha annos, juntamente com outros valiosos ineditos¹, lê-se:

¹ *Historia da Arte em Portugal*. Estudos publicados sob a direcção de J. de Vasconcellos. (Segundo estudo) — Documentos ineditos. Porto 1883.

«Mandou fazer na dita capella¹ as reixas² de ferro que agora se veem, e assim as das duas sepulturas, do conde D. Henrique e a sua³; foram estas as primeiras reixas que até seu tempo se fizeram neste reino, assim em igreja como em mosteiro, de obra romana⁴».

Aqui em Lisboa, na sé, ha uma preciosa grade (fig. 2), em estylo gothico (sec. xv?). É a que fecha uma das capellas da charolla, a dos santos Cosme e Damião, na qual se encontram tambem dois tumulos dos mais interessantes que existem em Portugal⁵.

Grades de menores dimensões, em edificios particulares, são mais numerosas; mas, como observa o sr. Joaquim de Vasconcellos, não ha muitas que alcancem o seculo xvi.

Onde se encontram mais, — continúa o mesmo escriptor — é no Alemtejo, provincia em que hoje ainda se trabalha muito bem em ferro, demonstrando haver alli, principalmente em Evora e Elvas, uma disposição tradicional para esta industria⁶.

Em Villa Viçosa, na escada nobre do paço ducal, ha um bello candelabro, reproduzido em o n.º 5 da *Arte Portuguesa*, segundo desenho de Casanova.

No Museu de Bellas-Artes, ha uma brazeira e uma suspensão de lampada, de ferro forjado, que merecem apreço. Reproduziu-as tambem a *Arte Portuguesa*, no alludido numero.

Quaes seriam «as bellas grades que M. Destriches fez para Portugal», citadas num antigo tratado de serralharia, impresso em Neuchatel no anno de 1776?

Nomes de ferreiros portugueses, ou que trabalharam em Portugal, conhecem-se poucos. Ao de *Balthasar Fabra*, já mencionado; ao de *Aleixo Pires*, que fez as vidraças para a capella-mor de Belem⁷, e é citado no *Dictionnaire* de Raczyński, posso hoje acrescentar o de *Christocam Rodrigues*, que executou alguns trabalhos para o convento de Christo, em Thomar⁸, e o de *Antonio Fernandes*, a quem se refere o seguinte paragrapho, numa carta, sem data de anno, de Bartholomeu

¹ A capella-mór da sé.

² Grades. Cfr. hesp. reja.

³ Estas grades já não existem.

⁴ No estylo da Renascença. Vid. pag. 72 d'este vol. nota 1.

⁵ Vid. *Arte Portuguesa*, n.º 1, artigo do sr. Gabriel Pereira.

⁶ *Album da Exposição districtal de Aveiro* (1882), pag. 33.

⁷ Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 29, doc. 47.

⁸ Torre do Tombo, *Recetta e despeza das obras do convento de Thomar* (1512-1514), fls. 158 e, 170, 200 e 224.

de Paiva, amo de D. Manuel, a Affonso Monteiro, almoxarife das obras da Casa da India:

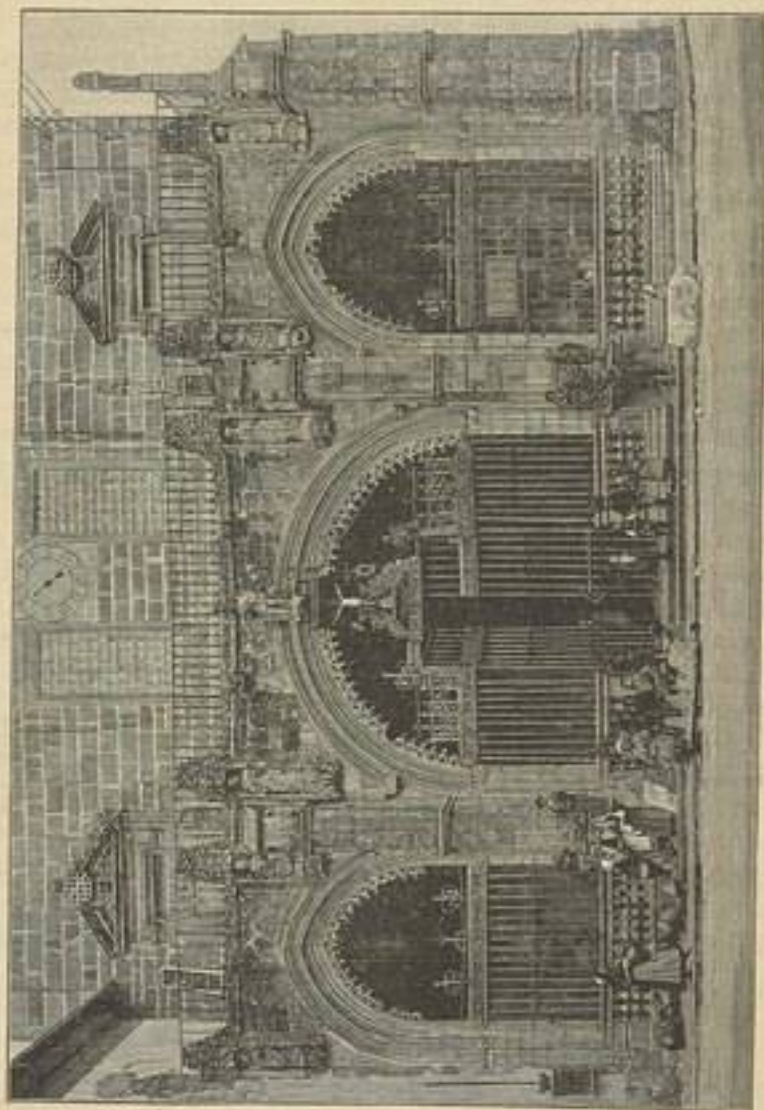
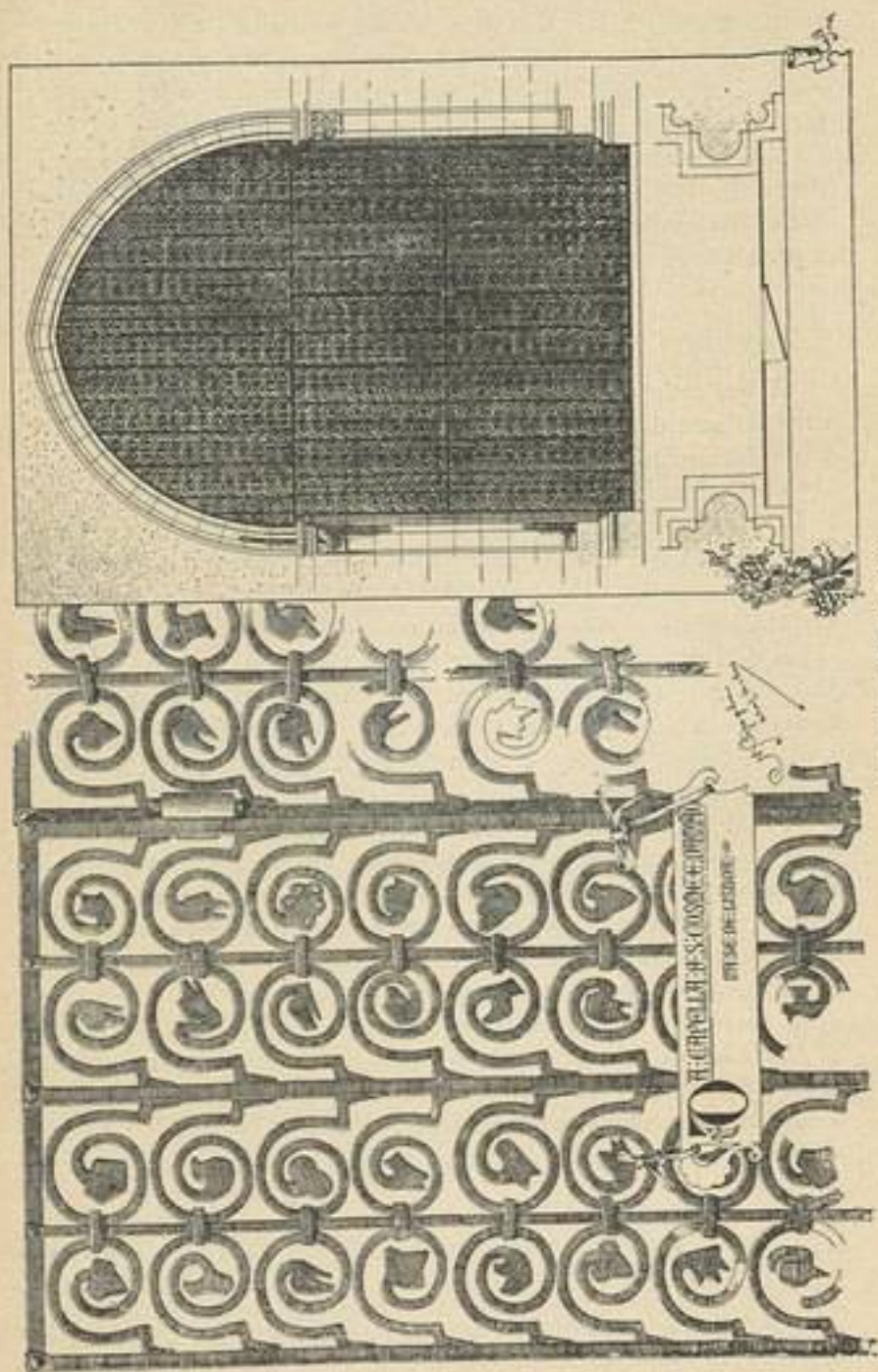


Fig. 1 — Grande da gaitid da sé de Beja

«Eu vos esperei que dissesseis a *Antonio Fernandes*, o fereiro, que el-rei mandava que viesse logo cá¹, e que trouvesse quantas boas

¹ A Evora?



mostras podesse haver, pera fazer umas grades ricas, com seus coroa-mentos ricos, porque eu tenho feito com Sua Alteza que as faça elle; e não vi mais recado d'isso. Compre que logo na hora o façaes partir pera cá, e que seja logo aqui»¹.

Reproduzimos neste numero a grade que fecha a galilé da sé de Braga e a da capella dos santos Cosme e Damão, na sé de Lisboa. Em outros numeros reproduziremos a do baptisterio da sé de Evora, e a porta que se encontra no museu da Bibliotheca eborense.

3. Bugareo

A que artista pertencerá este nome que se me deparou num documento sem data, mas indiscutivelmente do tempo de D. Manuel? Eis o documento:

«Senhor amigo. — Pelo portador vos envio um mandado pera vos João Gago entregar cento e setenta mil reis. Os cento são pera *Bugareo*, que lhe logo fareis entregar; e dos satenta mil, dareis aos ladrilhadores trinta e cinco mil e a Rodrigo Alvares², carpinteiro, que faz os cordões de macenaria; e o outro dareis a alguns outros officiaes a quem se dever.

E nom esqueça o jardim, que se nom correja da maneira que vos já esprevi; e, pois nos Deus faz tanta mercê, que dá ou tem dado saude a essa cidade, compre que a todas essas obras façaes dar pressa como se façam, porque, se assim formos a bem, parece-me que mui cedo vos iremos ver.

Co'a torre do almazem, fazei com *Bugareo* e com seu genro que ande rijo; e, com Rodrigo Alvares, que ande tambem logo com o madeiramento, e comece já'gora de lavrar as madeiras. Por que tudo ande tambem, dae os bordos que forem necessarios pera fazerem as armas pera a casa da Rolação, que vos mandei dizer per Jorge Affonso; e elle me disse que as faria logo fazer a seu irmão. E nom vos digo agora mais, senão que essas obras vos encommendo. Mandae-me dizer se houvestes os marmores pera o eirado da varanda, ou se os ha na cidade que sejam pera isso, e o que custam; e, se não, mandae-me a medida da grandura que hão mister e mandá-los-hei cá fazer. D'esta cidade de Evora, a nove de Junho. — *Bertelameu de Paiva, o amor*.

¹ Torre do Tombo, *Cartas missivas*, maio 3, n.º 388 (Note-se que este documento e o n.º 389 constituem um só).

² Nomeado mestre de todas as obras de carpintaria da Casa da India, por carta de 27 de Outubro de 1520. Vid. Sousa Viterbo, *Diccionario ... dos Architec-tos*, etc., 1, 24.

Sobrescripto:—«Ao sr. Affonso Monteiro, almoxarife das obras da Casa da India»¹.

Noutra carta, igualmente de Bartholomeu de Paiva para Affonso Monteiro, ha a seguinte referencia a *Bugareo*:

«..... já tenho mandado fazer os despachos pera vos darem dinheiro, assi pera *Bugareo*, como tambem pera os ladrilhadores e outros officiaes.....»².

Tratar-se-ha de algum architecto, como Boytaca? De algum entalhador, como Olivier de Gand, *mestre Olivel*? Parece, em todo o caso, ser de estrangeiro aquelle nome.

JOSÉ PESSANHA.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

336. Nogueira (Tras-os-Montes)

Anta.—Forte dos mouros

«Não ha em toda esta freguesia privilegios alguns, nem outra antiguidade digna de memoria, sómente no termo deste lugar de Nogueira adonde chamão a caza do Mouro está hũa caza ou choupana em roda toda de pedras grandes levantadas ao alto e por cobertura outra pedra muito grande que cobre todas as outras que servem de paredes, he da feição quazi esferica a dita caza e de obra tosca, caberão nella des pessoas». (Tomo XXV, fl. 219).

«Esta terra não he murada nem tem fortificações ou castelos modernos ou antigos somente junto do lugar de Santiago do Monte em o Cabeço de hum monte a que chamão de San Bartolameo, por estar algum tempo nelle hũa ermida do mesmo sagrado Appostolo, que hũ vizitador mandou demolir por estar pouco decente, se vem as ruinas como de hũ forte, que se dis entre os moradores ter sido de mouros». (Tomo XXV, fl. 220).

337. Oliveira de Azeméis (Beira)

Relação de um mosteiro.—A cidade de Lamego

«Parece ter havido nesta freguezia hum Convento antigo, cuja memoria se perdeu; mas seus vestigios se encontrão no Foral da villa

¹ Torre do Tombo, *Cartas missivas*, maço 2, n.º 298.

² Torre do Tombo, *Cartas missivas*, maço 2, n.º 67 (1.ª carta).

da Feira, cap. 163, em que nos dá noticia do Casal dos Frades, sito nesta freguezia de Oliveira de Azemeis. . . . O sitio se não me engano do tal Mosteiro se descobre pelos vestigios de hũa Eira, onde chamão a Igreja Velha, toda rodeada de paredes velhissimas com demonstração de ali ter sido Cemeterio, ao menos por apparecerem ossos de gente humana; e pegados estão huns campos, chamados o Passal, que em sua copia denotão antiguidade misteriosa. Do campo da Igreja Velha foi ultimo possuidor o Licenciado Pedro Soares. . . . etc.» (Tomo xxvi, fl. 189).

«No lugar de Lagoens desta freguezia há hũa Caza, chamada o Castello, onde se diviza sitio da Torre antiga. E neste mesmo Lugar foi antigamente a decantada Cidade de Lancobriga de que ficou o nome corrupto ao Lugar na caducidade dos annos: o que se comprova das vias Militares, de que faz menção o Itinerario do Emperador Antonino que, aqui perfeitamente se ajustão, não na Villa da Feira, ou na da Bemposta, distantes Legoa desta freguezia, como quizerão, adivinhando sem outro melhor fundamento, alguns Authores, como Brito no tom. 1 da Monarq. Lusit., etc.» (Tomo xxvi, fl. 193).

338. Olivença¹ (Alentejo)

Figuras de pedra á mourisca

Freguezia de Santa Maria do Castello.—« o primeiro muro de Olivença de 40 palmos geometricos de alto quadrado com quatro portas nas faces e estas entre dous Castellejos, ou torreões foy obra dos Mouros pello estilo e segundo a tradiçam. O que se comprova por estarem em huma das ruas da torre duas figuras, huma de homem outra de mulher abertas em pedra com turbantes a Mourisca». (Tomo xxvi, fl. 249).

339. Olmos (Trás-os-Montes)

Minas de prata e estanho

«Não tem minas de metaes, ou canteiras de pedras, ou de outros materiaes de estimação; somente passa de quinze annos vindo a estas terras huns Mineiros, juncto á villa de Chacim por cima da Capella da Senhora do Desterro em hũa vinha que foi de Antonio Luis Rabello

¹ Não obstante estar em poder de Hespanha, considera-se como portuguesa: pois Portugal nunca fez cedencia d'esta praça que lhe devia ser restituída depois das guerras napoleonicas. Se o caso se não verificou, culpa tem mais Portugal do que a Hespanha.

da mesma villa fizeram hũa cova, e della sahia pedra branca, e muito pesada, e se dizia que della se fazia prata e estanho; mas por causa das chuvas se arrazou a dita cova». (Tomo XXVI, fl. 274).

340. Orjaes (Beira)

Pedras com letreiros, e moedas. — Cidade de Argel.

«Consta por tradição de pessoas antigas que no campo em que está cita a dita Capella da Senhora das Luzes estivera cituada huma Cidade por nome *Argel* o que se faz crível por no mesmo citio apparecerem algumas pedras com letreiros do Templo de Cezar, e se acharem algumas moedas de metal amarello do Emperador Antonino; e que neste mesmo citio ao romper da Aurora se dera huma batalha contra os Mouros que vencerão os Christãos por intercessão de Nossa Senhora, a quem invocarão com viva fé: de cuja batalha lhe ficou o nome de Senhora das Luzes». (Tomo XXVI, fl. 318).

341. Orada (Beira)

Inscrição portugueza

«..... e desta mesma parte (do Evangelho da Igreja de S. Paio) metido na parede se deviza hum momento (*sic*) com esta inscripção gotica que diz:

AQUI JAZ A OSSADA DE HUM BISPO DE LAMEGO.

Mas não ha tradição qual este fosse». (Tomo XXVI, fl. 314).

342. Ovil (Entre-Douro-e-Minho)

Cova-da-Moura. — Dolmens

Há nesta freguezia hũa cova chamada da Moura em hum Outeyro povoado de grandes penedos cuja descripção he a seguinte: Está hum grande penedo cuja sumidade se vê na suprefice da terra. Esta parte he convexa que forma modo de globo, está coberta com hum grande penedo que por cima daquelle convexo á propursam della fas hum concavo capas de andar pello vam hum homem coasi em pé para o que tem entrada por huma só porta estreita, que se acha a modo de arco na coal se offerece grande duvida, se acaso he artificial ou fabricada pella natureza. Esta porta supposta está virada para o poente con tudo não penetra tanto á luz que de dentro da Cova se possa bem distinguir sua formatura sem se palpar». (Tomo XXVI, fl. 337).

«Acha-se junto ao principio desta sera (da Abobereira) hum fosso no citio chamado chão da Parada fabrica Arteficial cuja forma são pe-

dras levantadas em altura mais de dês palmos a maneira de adoellas de hum tonel de que resultou huma periferia bastantemente ordenada, e da sumidade das ditas pedras se fâs asento a huma famosa pedra lousa que fica servindo de tecto ao vão do dito fosso adonde se recolhem pastores pella porta que lhe fica para o nascente.

Na mesma Serra se acham coatro ou mais artefactos quasi á mesma semelhança». (Tomo XXVI, fl. 379).

343. Ovea (Beira)

Sepulturas dos mouros

«..... só apparecem algũs vestigios de ter sido abitada dos Mouros ou gente Barbara por se acharem em algũs montes como no sitio do Patarinho poco (*sic*) distante da villa algumas concavidades em pedras com forma de sepulturas artificialmente feitas». (Tomo XXVI, fl. 387).

344. Ourem (Extremadura)

Epitaphio portuguez

«Epitaphio que está na sepultura do Marquez de Valença, fundador desta Collegiada, debaixo de cuja capela mor se mandou interrar, escrito em Letra gotica:

AQUI JAZ O ILUSTRE PRINCIPE D. AFONÇO MARQUEZ DE VALENÇA, CONDE DE OUREM, E PRIMOGENITO DE D. AFONÇO DUQUE DE BRAGANÇA E CONDE DE BARCELOS, E NETO DE ELREY D. JOÃO DA GLO-
RIOZA MEMORIA, E DO VIRTUOSO E DE GRANDES VIRTUDES D NUNO ALVRES PEREIRA CONDESTABLE DE PORTUGAL, QUE FALLECEU EM VIDA DE SEU PADRE, ANTE DE LHE DAR A DITA HERANÇA, DE QUE ERA HERDEIRO, O QUAL FOI FUNDADOR DESTA IGREJA EM QUE JAZ; CUJA FAMA, E FEITOS HOJE ESTE DIA FLORECEM. FINOU-SE A VINTE E NOVE DIAS DE AGOSTO DO ANNO DE N. SR. JESU CHRISTO DE MIL E QUATROCENTOS E SETENTA ANNOS.¹

(Tomo XXVI, fl. 388).

¹ Num folheto de 4 paginas de formato grande, intitulado *Concelho de Ourem, Villa d'Ourem*, e parecendo pertencer a uma collecção intitulada *Galeria Pittorresca*, vem impressa esta inscripção com a data de 19 de agosto de 1464.

Juntamente com este folheto adquiri no Mercado de S. Bento, onde se encontravam á venda, ainda por dobrar, grande numero de exemplares, de outro do mesmo formato, com 20 pag., intitulado *Galeria Pittorresca. Album da Villa d'Ourem*, Lisboa, Typographia do Commercio, 1894, por José Flores. Diz a pag. 17 dirigindo-se ao leitor «verás perto de ti os terrenos onde estão muitas sepulturas», em algumas das quaes se tem encontrado pedras com arabescos,

345. Ourique (Alentejo)

Castro da Colla

«Duas legoas desta villa se axa a Irmida de Nossa Senhora da Colla ao pé da qual se ve ainda hoje hum grande Castello destruido com tres prasa em quadro fundação de Mouros que tomou o Senhor Rey Don Affonso Henriquez, e no meyo das tres prasa está huma caza subterranea que parece ter sido armazem de polura (*sic*) ou Cisterna de Agoas, e há tradição de que os Mouros ainda hoje lhe xamão o seu Castello da Colla»¹. (Tomo XXVI, fl. 412).

346. Ourosinho (Beira)

Lagoas feitas pelos mouros. — Castello dos mouros

«Esta terra não tem fontes celebres somente nos suburbios da villa de Penella distante desta freguezia duas legoas há humas Lagoas que vulgarmente chamão Vyeiros que se diz serem muto (*sic*) e do tempo que os Mouros occupavão e possuão estas terras mas suas agoas não tem qualidade alguma digna de memoria». (Tomo XXVI, fl. 426).

«Penedono que he cabeça do concelho há hum Castello Bastante forte com duas torres já muto antigo que se diz ser obra dos Mouros de quando existião nestas Terras e ainda ao prezente existe com toda a forteleza». (Tomo XXVI, fl. 426).

347. Outil (Beira)

Fonte do Corvo

«Fora do lugar tem hũa fonte subterranea, donde o povo se serve; chamada a Fonte do Corvo, por hum a descobrir; outros lhe chamão

e outras com labores denunciando a campã de alguns dos famosos cruzados; bocados de lança, azagaia e varios outros instrumentos de guerra; algumas moedas de ouro e de prata, e muitas de cobre. Duas d'estas moedas de ouro foram offerecidas pelo delegado que foi da administração da Casa de Bragança, Candido José de Carvalho, ao fallecido administrador geral da mesma». Este que se chamava Sebastião do Couto classificou as moedas em 1872 attribuindo-as ás familias romanas *Celica* e *Narbona*. Continúa depois o folheto: «As de cobre existem em grande numero, de diferentes epochas, e são aqui encontradas com frequencia nos terrenos que noutro tempo foram assentamento de casas de habitação, e de edificios do culto divino. Estas, pela maior parte, são arabes, sendo tambem encontradas muitas dos principios da monarchia portugueza».

¹ Ha um estudo do sr. Gabriel Pereira sobre este castro no folheto intitulado *Notas d'Archeologia*.

Fonte Coberta por ser de abobeda por modo de Cisterna, obra antiga (he tradição das velhas que no centro tem hum mina ou thezouro) alguns annos tambem se seca por Agosto». (Tomo xxvi, fl. 461).

348. Paçô (Beira)

Apparecimento frequente de moedas romanas. — Crasto

«A paróchia está fora da villa em hum piqueno outeiro que a natureza parece formou para a edificação della porque sendo declive por todas as partes se descobre para todas as partes todo o valle e limites da freguezia. O edificio per si não mostra a antiguidade que tem; por se achar reedificado haverá 150 annos. Porem por geturas (*sic*) infalivens se perzume ser antiquissima a sua fundaçam; sendo a mais evidente o estar esta freguezia situada entre os couttos dos Mosteyros de Salzedas e Sam João de Tarouca¹, com quem por todas as partes confina e escapar do seo dominio. Donde se infere que já hera de muntos annos da jurisdiçam do Bispo de Lamego munto antrior a fundação daquelles Mosteyros. Alguns vestigios de ruinas que se tem achado dentro e fora desta villa como são cazas subterraneas, sepulturas, com inscripções goticas e medalhas de ouro dam a conhecer que fora em outro tempo Igreja dos Godos.» (Tomo xxvii, fl. 23).

«Entre o meio dia e Poente onde tem principio o valle em que está situada a freguezia há hum monte alto, chamado vulgarmente o Crasto; e meya simalha está hum terraplano em forma ovada onde caberão dois regimentos de soldados artificiozamente feyto. Cercava em outro tempo a esta praça ou castello hũa muralha de que ainda hoje em toda a circumferencia se observão os vestigios dos alicerces de pedras lavradas de quoaes muntas são triangulares. Deste muro em distancia de vinte paços e de mais em algumas partes se observão ruinas de outro segundo muro da mesma formatura, e por fora deste em distancia de quarenta e sincoenta paços se descobrem ainda vestigios de outro com circumferencia correspondente aos dois primeiros. He este monte declive desde o primeiro muro athe o terceyro; e deste continua munto pricipitado pella parte do Poente em distancia de hum quarto de legoa athe a villa de Mondim; e do Nascente com o mesmo principio em

¹ Em 1857 escrevia Herculano: «A imprevidencia de collocar cartorios em logares não convenientemente isolados fez com que numa noite percessem inteiros os quatro archivos mais ricos de monumentos da Beira Alta, os de Salzedas, Tarouca, S. Pedro das Aguias e S. Christovam de Lafões». (*Opusculos*, 1^a, 244). Vid. ainda *Portugal Antigo e Moderno*, xii, 1645.

distancia mais de duzentos paços quasi athe o lugar de Sanfins. Somente pella parte do Norte e pella do Sul em que ainda oje se conserva o nome de Porta do Sol, he que podia ter entrada ainda que difficultoza o tal castello. Foy este habitacam ou collonia dos romanos, e não de Mouros como outros vulgarmente se persuadem. Esta opinião se confirma evidentemente pella quantidade de medalhas de prata e cobre que nelle se tem achado em todo o tempo, e ainda continuamente estão aparecendo com as effigias de Augusto Cesar e com outras muntas varias e diferentes tenções curunhadas em Roma como se lê nas inscrições que tem gravadas. Tem apparecido por varias vezes peças de ouro e prata comião (= como são) brincos e aneis e outras couzas cuja forma se ignora. Instrumentos de ferro e bronze que parecem de Expugnação. Alguns pontois ou lanças, hum pedaço da folha de huma espada tambem do mesmo bronze que ainda se conservão em poder de alguns curiozos como tambem algumas das sobreditas medalhas. E o que he para admirar mais notavel neste monte he que alguns curiozos de bom gosto indo por divertimento procurar as ditas medalhas as tem achado como se elle as produzira, e lhe não obestara a diuturnidade de dezouto ceculios». (Tomo xxvii, fl. 26 seg.).

349. Paços (Belra)

O Castello de Vilharigues

«Declaro que no lugar de Vilharigues¹ desta Freguezia está huma Torre que dizem nella assistiam antigamente os mouros terá de altura sincoenta palmos pouco mais ou menos e está quazi aruinada porem nan padeceu ruina alguma no terremoto de 1755 annos». (Tomo xxvii, fl. 48).

350. Paços (Entre-Douro-e-Minho)

Sino de Santa Anna

«Tem esta freguezia huma Capella encostada a Capella mor da parte de fora que he da millagroza Santa Anna que por tradição antiga dizem os velhos desta freguezia vejo pello Rio Minho abayxo juntamente com hum sino chamado de Santa Anna com o coal sino não só os moradores desta freguezia, mas em toda a parte que se oube tocar tem tal fé, que aonde elle se oube não tem havido pedraça nem rayo; o que tudo asim o declaram e exprementam». (Tomo xxvii, fl. 64).

¹ De *Viliaricizi* (= Villarikizi) genetivo patronymico de *Viliarius*.

351. Padornello (Entre-Douro-e-Minho)

Torres

Santa Marinha.—«..... ha tradiçam que ouve nella a torre dos Carris no Campo asim chamado de que nam ha vestigios, e só lembrança de que hera do apelido dos Valascos nam tem edefficio notavel, e se alguns ouve como foy a caza do Paço acima da fonte asim chamado, e se diz ouvera outro edefficio o Campo do Paço, e destes nam ha vestigios, só a memoria que os ouve, e que foram de Pereyras, Castros, Souzas, Caldas e Bacellares descendentes da caza de Friestas e torre de Mantelais». (Tomo xxvii, fl. 90).

352. Padornello (Entre-Douro-e-Minho)

Torre de D. Loba

Santo André.—«..... tem no lugar da Torre hum chamado Castello ou Torre de Dona Loba já desfeito em parte pois delle se tem tirado coantidade de Pedraria pera fazer cazas no mesmo lugar da Torre porem inda oje conseruam seus fundamentos tendo as suas paredes ainda coarenta para sincoenta palmos de cantaria conservando ainda tres arcos de pedra dentro destas paredes nas coais dizem os antigos serviam de traues pera o seu solho; da coal torre he oje senhor o Conde do Redondo pois está de posse da Comenda de Santa Maria de Gundaes que he do concelho de Geestassó e sempre conseruou athe o prezente as ditas paredes a Torre ou Castello de Dona Loba». (Tomo xxvii, fl. 101).

353. Palmaz (Beira)

Mina de prata

«Haverá couza de quatorze annos que no sitio chamado Quinta do Palhal, districto da freguezia da Branca se tirou segundo dizem abundancia de prata em huma mina que se abriu por bayxo do mesmo rio, cuja mina se fechou e agora de presente se anda trabalhando em outra mais abayxo onde chamão o Carvalhal». (Tomo xxvii, fl. 208).

354. Palmella (Extremadura)

A Troia. Facilidade de um canal entre o Tejo e o Bado

«..... se acha hũa ponte de dois arcos para a passagem das gentês sobre o Ribeiro ou Rio de Cordova, que asim se chama de tempos an-

tigos quando as inchentes do mar alli chegavão, que ao prezente não paixão da dita villa de Setuual. . . . » (Tomo xxvii, fl. 211).

« e logo da outra parte do Rio se segue hum comprido e estreito braço de terra e areia e matos chamado Troia donde se ve hũa Igreja da invocação de Nossa Senhora¹ com cazas e estallagem a ella mistas fazendo esta lingoa de terra hũa forma de Ilha por ser cercada de mar por tres partes a saber pello Norte com o mesmo Rio que de premeio se mete the Setuual e do sul com a grande enciada que da Barra fora fas o mar oceano que se avista athe o Algarve, e do poento com as agoas da sahida da Barra que entremeião com a grande Torre de Outão que ainda he do termo desta villa de Palmella e pello Nascente se vai seguindo terra firme que se encaminha para Alentejo e Algarves». (Tomo xxvii, fl. 212).

«Esta Villa não he porto de mar e della se avista em distancia e na circunferencia como he o Rio Tejo desde Lisboa the as vizinhanças de Santarem e mar Oceano que se descobre pela bouca da Albufeira, termo da villa de Coximbra, e tambem pella parte de Setuual tanto da Barra fora, como dentro do Rio Sado the Palma, e hum Braço delle que vai a Comporta da Freguezia de Montealvo, e outro braço deste Rio que vai the Aguas de Moura, termo desta villa da ditta Freguezia de Marateca, e deste mesmo braço sahe hum esteiro do mesmo Rio navegavel; tudo em tão espicial circulo que se pode abrir e fazerse communicavel o Rio Tejo com o Rio Sado sem grande difficuldade porque o dito esteiro fica em distancia de duas legoas pouco mais ou menos da Barroca de Alua que he braco do Rio Tejo e desta maneira uem a formasse hũa Ilha cercada de agua ficando dentro de sua circunferencia as villas e ponações de Palmella, Setuual. . . . advertindo que

¹ No *Seculo*, de 25 de outubro de 1898, vinha a seguinte correspondencia de Setubal:

«Como o *Seculo* noticiou realizou-se hontem a festa a Nossa Senhora da Troia, na antiga Cetobriga. Houve festa de igreja, que começou ás 11 horas da manhã.

O sermão, que foi prégado pelo reverende padre Nabetto, foi muito apreciado. Foi all durante o dia muito povo. Na carreira da 1 hora da tarde foi no vapor o Sr. Antonio José Baptista, sendo esperade na Troia pela philarmónica palmellense e commissão dos festejos, subindo ao ar nessa occasião muitos foguetes».

O povo de Setubal restaurou a capella onde, desde a idade-media, se celebram actos religiosos, mas não cuidou ainda de reatar o laço que os liga à antiguidade classica e pagã, comprehendendo a exploração methodica das ruinas que lhe estão fronteiras.

a terra que se mete de permeio desde o dito esteiro the a Barroca de Alva he campinna raza de terra branda quasi toda de area sem serra, nem pedreira algũa por charnecas e máttos baldios donde a abertura para a dita comunicação não podia fazer perjuizo a pessoa algũa. . . . etc.» (Tomo xxvii, fl. 225).

355. Palmeira (Entre-Douro-e-Minho)

Projecto de um porto em Leixões

«Em distancia de hũ quarto de legoa ao mar, em direyto da boca do rio está descuberta hũa penha de grande e plana área, cabeça de outras que se descobrem nas marês baxas, e de lá continuação em volta, com pouco apartamento huas das outras athe ás que estam na praya de Fozelhas: dizem os Engenheyros, que se pode edificar hum Cays para hir a pé enxuto ao dito penhasco grande chamado *Leixoeus* edificar hũa boa Fortaleza para defeza de hum surgidouro excellente de grande quantidade de Navios, muyto util para todo o tempo, muito mais para o em que não podem entrar a Barra do Porto, por seus continuos perigos». (Tomo xxvii, fl. 267).

«Deixando aos Escriitores antigos e modernos a averiguaçam da etymologia do seu nome (*o Leça*), ou seja rio do Esquecimento ou da Alegria, elle banha como dito he as margens por onde corre nesta freguezia: Nasce na Serra de Monte Cordova». (Tomo. xxvii, fl. 268).

356. Paus (Beira)

Leoda

«..... os Mordomos da Senhora (*do Soitto*) em cada anno mandam cozer por esmollas que tiram athe corenta alqueires de trigo e o mandam fazer em regueifas que mal vallem a des reis cada hua e os tais mordomos as levam em sacos na mesma Procissam; e tanto que entre este pam no Campo da Senhora fica bento e incorrupto. E repartido aos pobres e mais Povo que muntas vezes passam de mais de duas mil pessoas pello grande concurso que se ajunta; e consta que antigamente se mandava matar dois Bois e Carneiros coarozes (*com arroz?*) e faziam seos desfeytos para pobres e confrades quem a ser deuotos que se assignavam em hum Livro; e fallando Eu (por rezidir nesta freguezia há corenta e tres annos por Parrocho) com pessoas antigas sobre a tradiçan desta devossam me disseram que tambem assistiram nestas funsões, mas que pellos disturbios e pendencias que havia certo Perlado mandara suspender este festejo; porem, que no anno se-

guinte e no tal dia de noite no mesmo Campo se ouvirão grandes alaridos e bramidos; rezam porque tornaram a recorrer ao Perillado, e lhe concedeu tam somente o pam que hoje se coze e dá aos pobres». (Tomo XXVII, fl. 294).

357. Parada (Beira)

Vestígios de casaa

Freguesia de S. Miguel.—«..... o Outeiro da Ermida, na freguesia de Taboa do Bispado de Coimbra, no alto do tal outeiro inda oje se vem vestígios de Casa como alicerces pedaços de cal e teijolos cobrados». (Tomo XXVII, fl. 325).

358. Parada-de-Ester (Beira)

Muro dos mouros

«..... dizerce que no cimo desta serra edificaram os Mouros hum Muro junto ao sitio chamado das Portas, cujos vestígios ainda se diuizam pela muyta pedra, que ali se ve junta e sem duvida daquy lhe nasceu o nome da Serra das Portas de Monte de Muro». (Tomo XXVII, fl. 367).

359. Parada-de-Gerez (Entre-Douro-e-Minho)

Habitações dos mouros

«..... e na ditta (*serra do Gerez*) e onde chamão o Castinheiro, e onde chamão as Lamas de Corrichão há vestígios de haver povo e cazas, e tradição de serem habitação dos Mouros do infeliz seculo que dominarão este Reyno, e na Serra da Mourella e Veiga da Trindade..... ha tradição que foi freguesia, onde vinhão povos muy distantes por ser Parochia e lugar de grande vizinhança no tempo dos godos». (Tomo XXVII, fl. 374).

360. Parambos (Trás-os-Montes)

Mina de estanho. — O Sumio

«Nas faldas desta Serra tanto para as partes do Sul, como do Norte ha minerais de estanho fino, que se costumava tirar há menos de sincoenta annos e se derretia, e fundia na feitoria que havia para esse effeito no lugar de Luzelos que dista desta freguesia meia Legoa, cujas cazas de feitoria se acham hoje aruinadas». (Tomo XXVII, fl. 484).

«Há neste lugar de Parambos hum sitio, a que chamão o Sumio, que por tradição antiga se dizia haver ali hum buraco ou fojo que lan-

candolhe pedras pella boca iam rodando por elle abaixo sem se ver aonde iam parar, o qual fojo pella continuação do tempo se intulhou de todo em termos que se lavrava ja por cima delle, e agora com o tremor da terra do anno de 1755 se afundou o entulho de sorte, que ao presente se acha afundado e vazio o fojo, altura de 15 ou 16 palmos e quadrado e terá de largura sete ou oito palmos, e mostra ser por todas as quatro partes obra manual feita em pedras». (Tomo XXVII, fl. 485).

361. Patalas (Extremadura)

Ruínas

«..... a qual cappella (de N. S. da Victoria) se conserva desde a destruição da Villa das Paredes aonde está situada; que em outro tempo foi mui populoza com sua barra aonde se desembarcavão porem hoje não se vem senão alguns vestigios de paredes, e algumas ainda em pé, e muitas aruinadas; esta fica junto á praya e dista hũa legoa desta Freguezia para a parte do poente em asento alto de donde se descobre parte do mar Oceano, e a peninsula da Praça de Peniche, e as Ilhas das Berlengas, e Farilhão, sete legoas de distancia do dito sitio, e por cauza das muitas arêas se destruhio a dita villa»¹. (Tomo XXVIII, fl. 582).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

A proposito da inscripção da Pedrulha

(VILA O Arch. Port., v, 223)

No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2869, publica-se o seguinte texto: MADI-CEAVVS CALABIIVS AMBATI F A LV.

Esta inscripção está, porém, inexactamente copiada, como tantas outras do *Corpus*. Segundo uma figura publicada a pag. 5 do opusculo do Sr. Ramón Mélida, intitulado *El jinete ibérico*, Madrid 1900, as duas primeiras palavras devem ler-se MADICENVVS CALAETVS.

A palavra MADICENVVS representa certamente *Madigenus*, como já E. Hübner, *ibidem*, havia suspeitado. Ella repete-se em mais inscripções, como se póde ver no *Thesouro da antiga lingua celtica*, do Dr. Holder. Temos aqui, como parece, uma palavra celtica, já pela sua maneira de formação (MADI-CENVVS = MADI-GENVS), já por-

¹ Cfr. *Revista Archeologica*, III, 20: *Antiguidades de Patalas*.

que se conhece também *MADIACVS* = *MADI-ACVS*, onde entre o conhecido suffixo celtico *-acus*, já, enfim, porque ella apparece associada a nomes celticos. É também um *Medicinus* quem faz uma das dedicatorias do nosso deus Bormanicus.

A outra palavra da referida inscripção é *CALAETVS*; eis pois mais um exemplo para juntar aos que reuni n-*O Arch. Port.*, v, 253, a proposito de *CALAITVS* da inscripção romana da Pedrúlla. *Caluetus* é provavelmente também palavra celtica.

J. L. DE V.

Sepulturas abertas em rocha viva

As sepulturas abertas em rocha viva encontram-se em muitas regiões de Portugal, principalmente no centro e norte do país, como já se tem dito nesta revista.

O typo predominante parece ser o que apresenta o contorno da parte superior do corpo humano (cabeça e hombros), estreitando, em forma de trapezio, para o lado opposto; mas não faltam exemplos d'outro typo, que apresenta sómente a configuração de um trapezio, cujo topo é arredondado.

Nós tivemos noticia de que uma sepultura do primeiro typo existia nos Montes de Alfarellos, sitio da Portella, a 1 kilometro aproximadamente para O. do povoado de Alfarellos, em frente de Montemor-o-Velho. Fomos procurá-la em outubro ultimo; e demos em uma pedreira, onde um homem das vizinhanças nos disse que ella existira, e que havia sido destruida pouco tempo antes pela lavra da mesma pedreira.

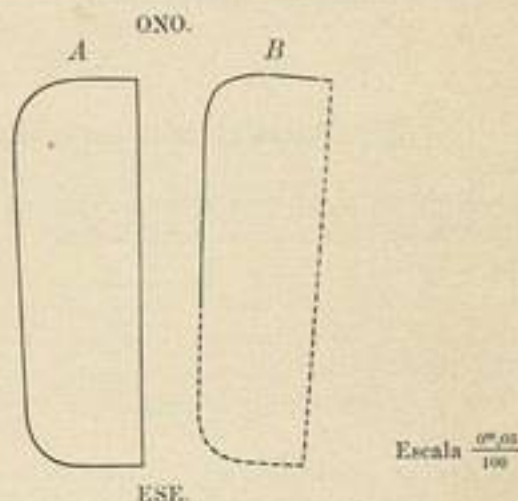
No intuito de descobrirmos vestigios d'ella nas pedras arrancadas, fizemos deslocar as que cobriam a bancada de calcareo junto á orla da pedreira; e notámos então a presença de duas excavações antigas na mesma bancada, quasi cheias de terra negra. Interrogado o nosso guia, informou-nos que ha bastantes annos um antecessor do actual proprietario extrahira, á sua vista, o entulho d'essas fossas, e descobrira em cada uma um esqueleto humano, estendido horizontalmente, cujas peças foram removidas e dispersas nas terras proximas.

Mandámos desobstruir estas sepulturas; e appareceu-nos um novo typo, verdadeiramente singular e interessante.

A rocha, em que se acham abertas, desce para o lado da pedreira; de modo que, embora o fundo das fossas seja plano e horizontal, a profundidade d'ellas diminue consideravelmente para aquelle lado. A que fica na orla da pedreira está em grande parte destruida.

Aqui damos a planta respectiva, indicando a linha pontuada da fig. B a parte que se acha destruída. A da fig. A mede no lado maior 1^m,72, na largura 0^m,55 e 0^m,50 e na profundidade entre 0^m,50 e 0^m,10.

Não encontrámos dentro d'ellas, nem nos terrenos circumvizinhos, objecto algum que nos indicasse a epocha da semelhante obra; mas pareceu-nos fóra de dúvida, pelos vestígios deixados nas faces das excavações, que estas foram feitas com picão de ferro.



Estando associadas a uma sepultura do primeiro typo mencionado, devem provavelmente ser contemporaneas d'esta; e nós lembramos o facto de havermos encontrado duas sepulturas do mesmo typo no meio da estação luso-romana do Moledo, em Nellas (Beira Alta).

Isto poderia bem indicar que são da epocha romana; mas restaria ainda saber a que parte da população, que nessa epocha se achava espalhada pela Lusitania, ellas pertenciam.

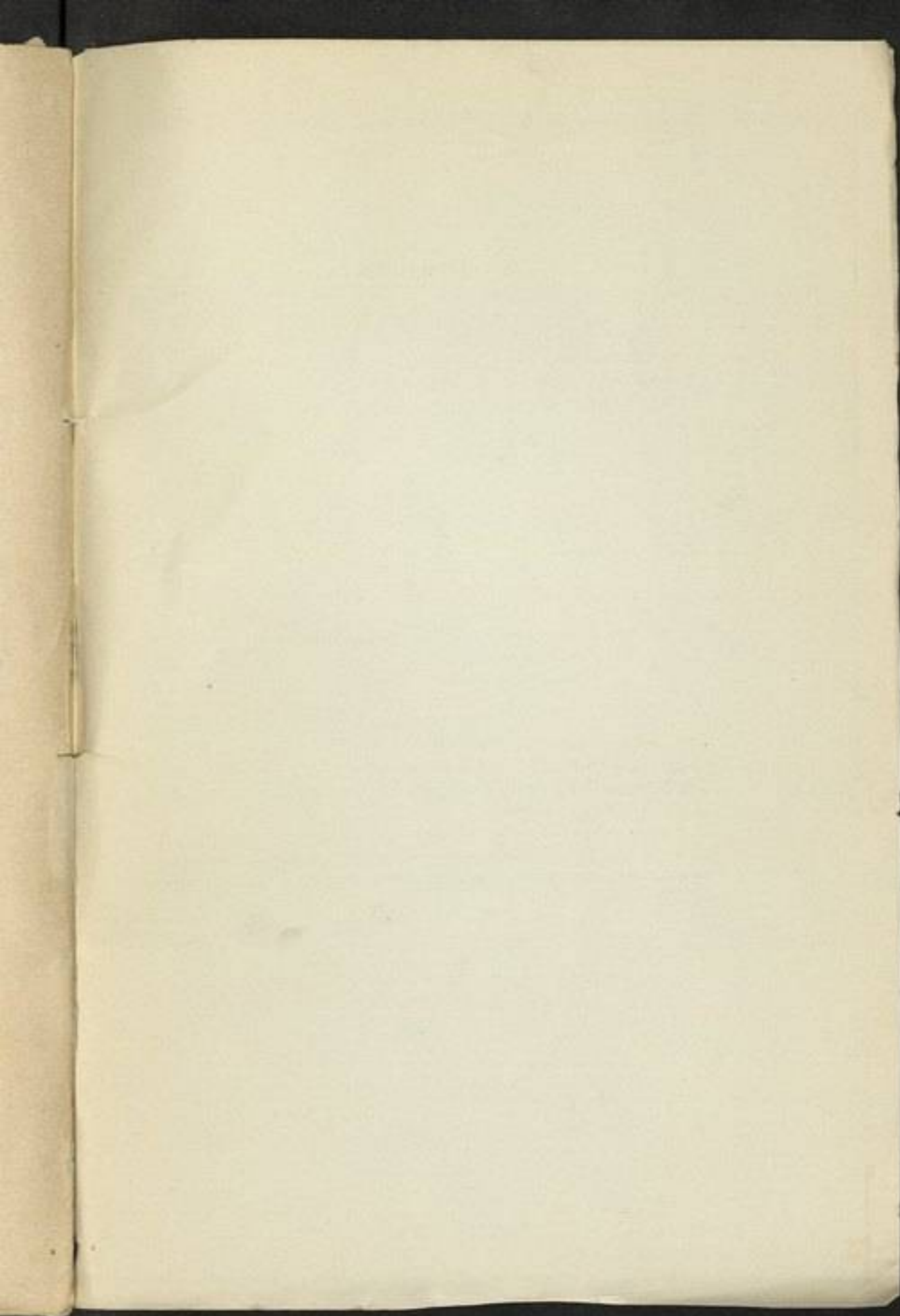
SANTOS ROCHA.

Erratas

Dolmens no concelho de Villa Pouca de Aguiar

Na pag. 281 dos n.^{os} 9-10, do vol. V, do *Archeologo*, onde se diz «S. Martinho de Barraes», deve ler-se «S. Martinho de Bornes»; e, em vez de «termo de Vallongas», leia-se «termo de Vallugas».

HENRIQUE BOTELHO.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	1\$500 réis.
Semestre	750 "
Numero avulso.....	160 "

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

A venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.